

A COESÃO TEXTUAL EM ARTIGOS CIENTÍFICOS A TEXTUAL COHESION IN SCIENTIFIC PAPERS

Claudiene Diniz da Silva *
Lidiany Pereira dos Santos **

Resumo: O presente artigo analisa a coesão textual em textos acadêmicos, em especial, artigos científicos. Para tal pesquisa, foram selecionados três artigos da área de Letras. Os pressupostos teóricos utilizados por essa pesquisa advêm da Linguística Textual, por meio dos pesquisadores Halliday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1997), Favero (2002) e Koch (1989). Utilizamos a proposta de Koch (2002), que classifica a coesão textual em referencial e sequencial. Nossa análise demonstra com se dão os tipos de coesão em fragmentos dos artigos selecionados. Os resultados mostram que os artigos pesquisados fazem bom uso dos mecanismos de coesão, embora alguns deles sejam mais recorrentes que outros.

Palavras-chaves: *coesão textual, linguística textual, artigo científico.*

Abstract: This article aims to analyze the textual cohesion in academic texts, especially scientific articles. For this research, we selected three articles in the field of Language. The theoretical assumptions used in this research come from Textual Linguistics, by researchers from Halliday and Hasan (1976), Beaugrande and Dressler (1997), Favero (2002) and Koch (1989). We use the Koch's proposed (2002), which classifies cohesion and textual reference sequence. Our analysis demonstrates that give the types of cohesion in fragments of the selected articles. The results show that the researched articles make good use of the mechanisms of cohesion, although some are more applicants than others.

Keywords: *textual cohesion, linguistic, textual, scientific article.*

Introdução

A produção de textos escritos é uma necessidade em todas as esferas da sociedade. Todo o mundo gira em torno da linguagem escrita. Mas, para que um texto cumpra seu objetivo, ele precisa ter um significado coerente e estar formalmente organizado. O mau uso de elementos linguísticos e estruturais, somados a falta de clareza do perfil do leitor e da finalidade do texto, não permitirá que o interlocutor estabeleça o sentido do texto. Ou seja, as faltas do sentido e da organização do texto podem impedir a compreensão pelo leitor, quando não produzir um efeito oposto.

Em se tratando de textos acadêmicos, como os artigos, monografias, dissertações e teses, cuja extensão normalmente supera 10 laudas, torna-se imprescindível o zelo pela coerência e coesão das produções escritas. Isso se justifica pela necessidade de confiabilidade e clareza que o texto, por ser científico deve transmitir.

* Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CNPq. E-mail: diennedinniz@hotmail.com

** Mestre em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: lidianyantos1@hotmail.com

No entanto, grande parte dos estudantes que chegam ao ensino superior apresentam dificuldades em estabelecer relações de sentidos. Essa dificuldade é o reflexo de um ensino descontextualizado das classes de palavras estabelecidas pela gramática tradicional, onde o foco está sobre frases soltas, fragmentos de textos.

Ao perceber as limitações de um estudo e ensino voltados para frases isoladas, surge a linguística do texto, que toma como objeto de estudo o texto, e se propõe a investigar, “os fatores envolvidos em sua produção e recepção”. (COSTA VAL, 2006)

Sobre a produção de textos, esse artigo tem o objetivo de inventariar sobre os elementos coesivos que contribuem para a construção do texto. Para isso, faremos um breve resgate da história da linguística textual e os conceitos de texto. Em seguida, explanaremos sobre a coesão textual. Por fim, apresentaremos a análise de alguns trabalhos acadêmicos, que utilizam os elementos coesivos garantindo assim o sentido e a cientificidade do texto.

2 Linguística textual

A Linguística Textual (LT), surgiu na Europa na década de 60. Ele iniciou suas pesquisas descrevendo fenômenos sintáticos e semânticos de sequências de enunciados similares aos estudados nas frases. (KOCH, 2001)

Quando começou a tomar projeção na década de 70, continuava ligada às gramáticas estrutural e gerativa. Essa ligação deu origem às gramáticas do texto, que objetivavam apresentar os princípios de constituição do texto e descrever fenômenos linguísticos inexplicados pela gramática da frase. Marcuschi recorda que no final dessa década surge a noção de textualidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981).

Koch esclarece que as teorias do texto só começam a se desenvolver nos anos 80, quando muitos estudiosos começam a sentir a necessidade de superar o enfoque sintático-semântico. Surgem, então, as teorias de base comunicativa, cujo foco é o funcionamento da língua relacionada à comunicação concreta. Sob uma perspectiva pragmática, são considerados os processos de constituição, transmissão dos textos.

Ainda na década de 80, os estudos da linguística textual adotam o aspecto cognitivo. O texto passa a ser visto como o resultado de processos mentais. A autora explica que numa interlocução, os participantes têm expectativas a serem atendidas ou não, e para compreenderem os textos, precisam ativar os conhecimentos armazenados na memória. (KOCH, 2004)

A linguística textual torna-se uma ciência com abordagem sintática, semântica, pragmática e cognitiva. Ela toma como objeto de estudo o texto, que

será entendido como uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 9)

Um dos estudos de destaque da linguística do texto trata dos fatores de textualidade – aquilo que faz do texto um texto - que para os teóricos Beaugrande e Dressler (1981) são sete: a coerência, a coesão, a informatividade, a situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Este artigo se limitará ao estudo da coesão textual.

3 Coesão textual

O texto, segundo Beaugrande e Dressler (1981), enquanto ocorrência comunicativa deve atender sete princípios capazes de gerar a comunicação social. Dentre eles, tem-se a coesão textual que se refere aos processos que dão sequência e asseguram uma relação linguística dos elementos da superfície textual.

Para Beaugrande e Dressler, “a coesão é a maneira como os constituintes da superfície textual se encontram relacionados entre si, numa sequência, através de marcas linguísticas; é a ligação entre elementos superficiais do texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p.16). Ou ainda, para eles, “a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem o texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical”. (KOCH, 2001, p.18)

Os autores apresentam o conceito de coesão para Widdowson (1978): “a coesão é o modo pelo qual as frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional (...)

revela-se por índices formais, sintáticos, sem apelo ao pragmático.” Tal autor não elimina a pragmática, somente a relaciona com a coerência, outro fator responsável pela textualidade. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p.17)

Halliday e Hasan, autores de uma obra clássica sobre o assunto, definem “coesão textual, como um conceito semântico que se refere às relações de sentidos existentes no interior do texto e que o definem como texto” (*apud* KOCH, 2001, p.17). Para eles, a coesão faz parte do sistema linguístico, uma vez que ela se concretiza por meio do sistema léxico-gramatical. Apresentam ainda, os principais fatores de coesão: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção, e a coesão lexical.

Marcuschi explica que os fatores de coesão são aqueles responsáveis pela sequência superficial do texto, ou seja, mecanismos formais da língua que estabelecem relações de sentido entre os elementos linguísticos. Tal autor discorda de Halliday e Hasan quando afirmam que a coesão é condição necessária para a criação do texto. Segundo Marcuschi (1983), existem textos destituídos de elementos coesivos, mas a continuidade se dá através do sentido.

A respeito da ausência de coesão, Koch coaduna com Marcuschi, entretanto ressalta que os elementos coesivos dão maior legibilidade ao texto e que, em certos tipos de textos a coesão é indispensável, como por exemplo, os textos científicos, didáticos, opinativos.

Fávero explica que a “a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, portanto de caráter linear (...). É nitidamente sintática e gramatical, mas também semântica”. (FÁVERO, 2002, p.13)

Vale ressaltar que o termo coesão, por está diretamente relacionado à coerência, não é distinguido por alguns teóricos. Koch e Travaglia (2002, p.14) explicam que:

Muitos autores não distinguem entre coesão e coerência, utilizando um termo ou outro para os dois fenômenos. Alguns fazem a distinção usando expressões como ‘coesão microestrutural’ ou ‘coesão local’, quando querem se referir (...) como coerência. É o caso de Charolles (1987a) e de Van Dijk e Kinisch (1983). Já Charolles subdivide a coesão em ‘coesão’ e ‘conexão’.

É consenso entre todos os autores supracitados que a coesão acontece por meio de mecanismos linguísticos formais, que contribuem para construção de sentido e permite a compreensão dos textos.

3.1. Coesão textual: classificação

A coesão textual possuem inúmeras propostas de classificação, considerando as relações formais que se estabelecem em um texto. Apresentaremos as proposições de Halliday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1997), Favero (2002) e Koch (2002).

Os teóricos Halliday e Hasan (1976) propõem cinco mecanismos de coesão:

Referência - quando um elemento do texto remete a outro, necessário a sua interpretação; pode ser pessoal, demonstrativa ou comparativa;

Substituição - quando um elemento do texto é colocado no lugar de outro, para evitar repetição; pode ser nominal, verbal ou frasal;

Elipse - quando um elemento do texto é substituído por zero e, assim, como a classificação anterior, pode ser nominal, verbal ou frasal;

Conjunção - quando se estabelecem relações semânticas entre elementos ou orações do texto; pode ser aditiva, adversativa, causal, temporal ou continuativa;

Coesão lexical - quando um elemento lexical substitui um outro elemento lexical do texto, numa relação ou de “repetição” ou de contiguidade semântica; por isso pode ser por reiteração ou por colocação. (CAVALCANTE, 2003, p.1104)

Já os teóricos Beaugrande e Dressler (1997), apresentam quatro conjuntos de elementos coesivos. O primeiro grupo marca de forma explícita as relações internas existentes entre elementos e/ou conteúdos. É subdividido em: repetição; repetição parcial; paralelismo; paráfrase. O conjunto dois formado pelas formas pronominais e a elipse e tem o objetivo de simplificar a estrutura textual. O terceiro conjunto inclui o tempo, o aspecto verbal e a conexão e trata dos mecanismos de coesão que se manifestam no interior das situações que constituem o texto. E o quarto grupo, relativo a textos falados, a entonação.

Fávero (2002) critica as classificações propostas tanto por Halliday e Hasan (1976) como por Beaugrande e Dressler (1997). A autora sugere uma reclassificação considerando a função que os elementos linguísticos desempenham no texto. Para ela, há três tipos de coesão textual: *coesão referencial* (substituição e reiteração); *coesão recorrencial* (paralelismo, paráfrase, recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais) e *coesão sequencial* (sequenciação temporal e sequenciarão por conexão).

A classificação apresentada por Koch (2002) também parte da função dos elementos linguístico exercida no texto. Tal autora apresenta dois tipos de coesão: *coesão referencial* (inclui os artigos; pronomes; elipse; numerais; advérbios; formas verbais; expressões os nominais definidos; nominalizações; expressões sinônimas; nomes genéricos; hiperônimos ou indicadores de classes) e coesão sequencial (englobando diversos tipos de recorrência, procedimento de manutenção temática; progressão temática; encadeamento e conexão).

Para nossa análise, tomaremos como base a classificação proposta por Koch (2002). Isso porque que tal categorização contempla todos os tipos de coesão textual proposta pelos autores supracitados.

4 Metodologia e análise dos dados

Para analisar a coesão textual em textos acadêmicos, elegemos o gênero textual artigo científico. O artigo científico, conforme Azevedo (2001), é um texto específico para ser publicado num periódico especializado e tem o objetivo de comunicar os dados de uma pesquisa, seja ela experimental ou não. A escolha se deu pelo gênero ser muito frequente na vivência acadêmica de alunos da graduação e pós-graduação (*lato e strictu sensu*).

Para essa pesquisa foram selecionados três artigos que tratam de coesão textual, todos publicados em diferentes revistas científicas na área de Letras. O primeiro trata das “estratégias de construção da coesão em textos de alunos”, publicado por Almeida (2008). O artigo dois, de autoria de Gomes (2009) é intitulado “Mecanismos coesivos: um estudo sobre o que os professores do ensino médio apontam como problemas de coesão em textos escritos”. O terceiro artigo analisado possui três autoras, Oliveira, Brandão e Melo (2010) e seu título é “A coesão textual em textos infantis: estudo comparativo de redações produzidas por crianças de terceiro e de quinto ano da educação básica”. Para melhor identificação dos textos nas análises, utilizaremos a nomenclatura Artigo 1, Artigo 2 e Artigo 3, respectivamente.

Podemos afirmar que a escolha dos artigos foi aleatória, mas tentamos apresentar algumas características comuns aos três artigos: a) todos abordam a mesma temática do presente artigo, coesão textual; b) trata de análise de coesão na educação básica e c) utilizam a abordagem da

linguística textual. Embora os artigos tratem de assuntos comuns, cada um aborda uma série diferente, e dois deles abordam a coesão na produção dos alunos e a coesão na visão do professor.

Partindo da classificação proposta por Koch (2002), começemos a analisar a coesão textual do tipo referencial. Vejamos os exemplos:

Artigo (1)

O advento da Linguística Textual, por volta da década de 60, na Europa, trouxe uma nova perspectiva para a observação dos fatos linguísticos. Isto porque, conforme apontam Fávero e Koch (2002, p. 11), sua “hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem.”. Se as outras correntes linguísticas se diferenciam pelas concepções de língua que defendem, originando daí seu objeto, a Linguística Textual se caracteriza pelo escopo de sua investigação – o texto. (grifos nossos, p.54)

Artigo (2)

Para se chegar à concepção de coesão e de seus mecanismos tal qual conhecemos na literatura atual, muitas propostas foram apresentadas por diferentes autores e com diferentes enfoques, durante a evolução da linguística textual, ramo da linguística que tem dado maior importância ao estudo de tal fenômeno. Como exemplo desses autores, citamos Halliday e Hasan (1976), Halliday (1985), Beaugrande e Dressler (1997), Mateus et al. (1993), Koch (2002, 2004), Fávero (2002), Fávero e Koch (1983, 1985), Van Dijk (1984). (grifos nossos, p.101)

Artigo (3)

Sabe-se que a textualidade é questão central dos estudos de Linguística Textual e, há muito, os estudiosos da área vem classificando um texto como tal em virtude de este possuir ou não os fatores de textualidade, dentre os quais está a coesão.. (grifos nossos, p.452)

Podemos observar nos três exemplos apresentados a presença de elementos referenciais. No Artigo (1) o elemento *isto* se refere ao advento da linguística. Já o *sua* e *seu*, em ambas as ocorrências, retoma o termo linguística textual. O Artigo (2) e (3) também estão presentes outros pronomes, *seus*, *desses*, *este* e *quais*. Tais elementos demonstram a ocorrência de coesão referencial, que para Koch (1996), é “aquela em que um componente da superfície textual faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (1996, p. 30). A autora nomeia o elemento de referência ou referente textual, enquanto aquele, forma remissiva ou referencial. Os elementos de referência são utilizados para reforçar algo que foi dito antes ou antecipa o que será dito

posteriormente, sendo assim anafóricos e catafóricos. A referência pode ser endofórica (retoma algo dentro do texto) ou exofórica (retoma algo fora do texto)

Além dos pronomes utilizados pelos artigos científicos, a coesão referencial pode aparecer através de advérbios, conforme o exemplo “*O advento da Linguística Textual, por volta da década de 60, na Europa, trouxe uma nova perspectiva para a observação dos fatos linguísticos*”. Nesse caso temos expressões adverbiais que contribuem para localização temporal e espacial do leitor. O mesmo exemplo demonstra a utilização de nomes genéricos, como é o caso de *fatos linguísticos*, que resume as manifestações da linguagem verbal.

No trecho do artigo (2) “*Para se chegar à concepção de coesão e de seus mecanismos tal qual conhecemos na literatura atual, muitas propostas foram apresentadas por diferentes autores e Ø com diferentes enfoques, durante a evolução da lingüística textual, ramo da lingüística que tem dado maior importância ao estudo de tal fenômeno*”, podemos visualizar a utilização de numerais, elipse, advérbios e expressões nominais para retomar algo que está dentro e fora do texto. A expressão “*muitas propostas*” se relacionar com o externo, uma vez que evoca as concepções de coesão textual de outras ciências que não a linguística textual. Já o “*durante*” nos remete as três fases evolutivas da linguística textual. A expressão “*tal fenômeno*” retoma a expressão coesão textual, que introduzida no começo do parágrafo.

O fragmento do artigo (3) selecionado pra análise, também evidenciamos mecanismo de coesão referencial. A expressão “*há muitos*”, expressa algo que tem sido feito durante um longo período e que ainda não acabou; refere se as pesquisas feitas pelos estudiosos da Linguística Textual. Em “*os estudiosos da área*” temos todos os estudiosos que trabalham com a linguística do texto. O pronome “*quais*” representa todos os fatores de textualidade propostos pela linguística de texto.

Sobre a coesão sequencial, segundo Koch (1991), é aquela que diz respeito aos “procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir” (p. 49). Em outras palavras, faz o texto avançar, garantindo a continuidade de sentido. Tal autora classifica a coesão sequencial em: sequenciação parafrástica e sequenciação frástica. A primeira é caracterizada principalmente pela recorrência como estratégia coesiva, estabelecendo relações entre os enunciados. A recorrência –

muito mais frequente na poesia - pode ser de termos, de estruturas sintáticas, de conteúdos semânticos e de recursos fonológicos.

Na passagem do Artigo (2) “São diversos os tipos de mecanismos coesivos considerados na literatura sobre o assunto. Assim, podemos considerar como mecanismo coesivo **formas lexicais, formas pronominais, elipse, procedimentos de recorrência, conectores etc.** Em nosso trabalho, consideramos apenas os conectores, entendendo como conectores o que, tradicionalmente, tem-se denominado **conjunções, preposições e advérbios** (cf. Bronckart, 1999; Koch, 2002; Antunes, 2005).” podemos visualizar a recorrência dos termos **formas**, de conteúdos semânticos como os grupos de mecanismo coesivos (**formas lexicais, formas pronominais, elipse, procedimentos de recorrência, conectores**) e grupo de conectores (**conjunções, preposições e advérbios**).

Podemos perceber no trecho do Artigo (1) “(...) há uma **insatisfação** geral com os rumos do ensino em nosso país e um crescente **questionamento** acerca do que ensinar nas aulas de português. Nas últimas décadas, **essa insatisfação e esse questionamento** propiciaram o surgimento de documentos oficiais (PCNs, 1998) e de pesquisas (Travaglia, 2005) que defendem ser o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos o objetivo primordial do **ensino de língua materna**”, a recorrência das expressões **insatisfação** e **questionamento**, como também a expressão “**ensinar nas aulas de português**” e “**ensino de língua materna**”.

Outro tipo de coesão sequencial apresentado por Koch (1991) é asequenciação frástica, responsável pelo encadeamento, isto é, o estabelecimento das relações semânticas entre aos enunciados. Pode se feito por justaposição (quando a coesão se dá na sequência das informações apresentadas) ou por conexão (quando a ligação dos enunciados a é feita por conectores como as conjunções).

Para exemplificar a coesão sequencial, começemos com um parágrafo do Artigo (1):

No entanto, não se trata **de** transferir as atividades de classificação metalinguística das frases soltas **para** as frases retiradas do texto. **Conforme** ficou claro, o texto possui regularidades **que** são qualitativamente diferentes das da frase. Tendo estabelecido o texto **como** objeto de ensino, **cumpr**e refletir **acerca do** modo como ele deve ser abordado na sala de aula, **ou seja**, urge disponibilizar propostas **para que** os professores possam efetivamente tornar o trabalho com o

texto uma oportunidade para se aprimorar a competência comunicativa de seus alunos. (grifos nossos, p. 80)

Ao começar com o “*no entanto*”, o autor do texto retoma uma ideia apresentada anteriormente, mas em um ponto de vista adverso. Já a expressão “*para*” e “*para que*” servem para conectar as orações, mantendo o sentido. O termo “*conforme*” demonstra concordância, o autor afirma a existência de clareza. A locução adverbial “*acerca do*” une as a reflexão com o modo que o texto deve ser abordado na sala de aula.

No Artigo (2) também podemos ver a realização da coesão textual:

Vejamos como em suas palavras, o informante P9 resalta que os “elementos coesivos” são “também chamados de conectores, conjunções”. Trata-se de uma visão reducionista do fenômeno. Primeiro, por que (sic) os elementos coesivos não se restringem aos conectores e, segundo, por que (sic) conforme Bronckart (1999), Koch (2002) e Antunes (2005) não só os conectivos funcionam como elementos de conexão textual, mas também as preposições, alguns advérbios e suas respectivas locuções, daí por que (sic) diferenciamos conector de conectivo/conjunção. (grifos nossos, p. 107)

Embora a ocorrência dos “porquês” apresentados fuja a norma padrão, exercem a função de conjunção explicativa, responsáveis pelas conexões dos enunciados. Eles introduzem as duas explicações para uma visão reducionista dos elementos coesivos. Seguido do segundo “por que”, aparece o “*conforme*”, que remete aos postulados dos teóricos da linguística textual. O parágrafo possui ainda o “*mas também*”, que adiciona uma nova informação, conectando-a ao texto.

Portanto, nos fragmentos apresentados podemos visualizar os mecanismos que constroem a coesão textual, seja ela referencial ou sequencial. As análises mostram que alguns mecanismos são mais frequentes do que outros, por exemplo, o uso dos pronomes (referencial) e dos conectivos (sequencial).

Considerações finais

Os estudos sobre o texto, desenvolvidos pela linguística textual permitiram um aprofundamento sobre os elementos de textualidade, em especial a coesão. Graças a essa ciência, podemos superar, de certa forma, a visão da gramática normativa sobre o ensino de conectivos, isto é, a linguística do texto, partindo do seu objeto de estudo, pragmatizou as classes gramaticais, que eram transmitidas somente para demonstrar uma classificação engessada das palavras.

Podemos atribuir à linguística textual o mérito de contribuir para a produção e compreensão de textos. Os pronomes, os advérbios, as preposições e as conjunções recebem o merecido destaque nos textos, tornaram-se elementos responsáveis pela coesão textual, e deixam de ser vistos somente como substitutos, modificadores e conectores de palavras ou orações.

A coesão textual é indispensável para a produção e interpretação dos textos. Em se tratando de textos científicos, além da clareza e elegância, contribui para transparecer a cientificidade do texto, pois, quanto mais claro o texto, melhor a compreensão dos resultados apresentado. E, como o artigo científico é um gênero textual que visa transmitir o resultado de uma pesquisa, a coesão textual torna-se imprescindível.

O presente trabalho tentou demonstrar como a coesão textual em artigos científicos. Depois de revisar a literatura sobre o tema em pauta, apresenta uma análise baseada na classificação proposta por Koch (2002), que classifica a coesão textual em referencial e sequencial, cada uma com subcategorias.

Através dos fragmentos apresentados, podemos visualizar os tipos de coesão existentes e as mais recorrentes. Tal visualização não é o nosso objetivo maior, porém é uma ponte. Idealizamos com esse trabalho apresentar os mecanismos que coesão textual, não só para compreensão, mas principalmente para a produção de textos acadêmicos, uma vez que, a escrita de textos claros e elegantes é um desafio constante na vida dos pesquisadores. Acreditamos que o conhecimento das estratégias existentes para a construção da coesão de um texto pode ajudar, significativamente, na sua produção.

Referências

ALMEIDA, Marcus Vinicius Brotto de. As estratégias de construção da coesão em textos de alunos. *Cadernos do CNLF/UFRJ*, v. 12, n. 7, 2008.

ANTUNES, Irandé Costa. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

AZEVEDO, Israel Belo. *O prazer da produção científica*. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. New Jersey: Abex, 1981.

_____. Introduction to text linguistics. London: Longmans, 1981.

_____. Introducción a la lingüística del texto. Barcelona: Ariel, 1997.

CAVALCANTE, Mônica M. Função discursiva dos elos coesivos referenciais. *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003.

CAVALLIN, Rosane Mesquita; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. O sentido inter-relacional no encadeamento de sentenças em versos. *Disc. Scientia*. v. 7, n. 1, p. 159-176, 2006. (Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria)

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

_____; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: uma introdução*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FONSECA, J. *Linguística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

GOMES, Alexandre Teixeira. Mecanismos coesivos: um estudo sobre o que os professores do ensino médio apontam como problemas de coesão em textos escritos. *Veredas on-line – Atemática*, v. 2, n. 9, p. 100-116.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Contexto, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística do Texto: o que é, como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

_____. *Linguística de texto: retrospectiva e prospectiva*. Palestra proferida na FALE/UFMG. 28 out. 1998.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. A articulação de orações através de mecanismos de oposição. *SCRIPTA*, v. 5, n. 9, p. 77-91, 2. sem. 2001.

OLIVEIRA, Leilane Moraes; BRANDÃO, Fernanda Maria Reis e MELO, Mônica Santos de Souza. A coesão textual em textos infantis: estudo comparativo de redações produzidas por crianças de terceiro e de quinto ano da educação básica. *Revista Travessias*, 10. ed. Unioeste, 2010.